**UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA
CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES DA LÍNGUA INGLESA**

**A FOREIGN LANGUAGE IN CONTEMPORARY
TIME: CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF THE
ENGLISH LANGUAGE**

**UNA LENGUA EXTRANJERA EN LA TIEMPO
CONTEMPORÁNEO: RETOS Y POSIBILIDADES DE
LA LENGUA INGLESA**

DOI: <https://doi.org/10.31692/2595-2498.v5i3.270>

BRUNO FERREIRA DE LIMA

Doutor em Estudos da Linguagem, Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Brasil, Bruno.ferreira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivos: a. abordar fenômenos sociais e tecnológicos de alcance mundial e suas implicações no ensino e na aprendizagem de línguas; b. correlacionar tais fenômenos com a publicação de textos documentais de referência didático-pedagógicas para o ensino de línguas no Brasil; e c. apresentar, a partir da emergência desses fenômenos, os desafios e as possibilidades que identificamos para a sala de aula de língua inglesa. Como se nota, partirei de aspectos mais gerais, que suscitaram novas pedagogias, para os mais específicos, que dizem respeito ao ensino e à aprendizagem da língua inglesa. Essa escolha se deve a dois fatores: o primeiro deles é o fato de que a língua inglesa costuma ser a língua estrangeira (LE) de prevalência nos currículos de escolas públicas e privadas da educação básica brasileira; o segundo é a minha própria experiência como professor de língua inglesa da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Cabe ainda frisar que na empreitada de tentar cobrir todos os objetivos, o desenvolvimento do texto será organizado em três seções: o eixo diacrônico de tempo, o eixo sincrônico de lugar e, por fim, possibilidades e desafios. Cada uma das seções corresponde, respectivamente, a um dos objetivos listados acima. Por fim, trarei as considerações finais e as referências deste trabalho.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O EIXO DIACRÔNICO DE TEMPO

Como se vê em Lima (2020), os modos de vida que experimentamos hoje são, em grande medida, resultado de um conjunto de fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos ocorridos décadas atrás. Por exemplo, a assinatura do Acordo de Schengen, nos anos 1980, e a formação da União Europeia, nos 1990, serviram para abrandar fronteiras e facilitar o trânsito de indivíduos através dos territórios daquele continente. O mesmo pode-se dizer do Mercosul, que oportunizou a intensificação de intercâmbios de diversos tipos entre os países sul-americanos. Concomitantemente, verificou-se um avanço até então sem precedentes nos meios de comunicação, haja vista que desde a abertura da internet para usos civis e comerciais até a sua popularização passaram-se cerca de dez anos apenas.

Assim, além dos óbvios impactos social e econômico emergentes desses fenômenos, esses ainda numa superfície rapidamente visível, houve outros que se aplicam mais aos usos das línguas, e que se tornaram interesse de estudiosos da linguagem e professores. Percebendo essa série de subjetividades, registros, discursos e linguagens (COPE E KALANTZIS, 2000), o Grupo de Nova Londres se reúne entre 1995 e 1996 para propor novas pedagogias, isto é, que

trouxessem orientações e *insights* sobre como desenvolver os letramentos (ou multiletramentos) demandados na contemporaneidade, os quais, com frequência, extrapolam o ambiente escolar. Com o passar dos anos, a Pedagogia dos Multiletramentos foi sendo revisitada a fim de contemplar as nuances características do mundo digital e, principalmente, sua integração com o mundo real.

A propósito, pode-se dizer que este movimento de visitar conceitos e propostas de outrora foi o mesmo que levou Delanty (2003) a refletir sobre um conceito de comunidade que estivesse em sintonia com a contemporaneidade. Para ele, a comunicação exerce poder e é capaz de criar ligações. Desta feita, comunidades se formariam cada vez mais a partir de interesses comuns e da criação de sentidos compartilhada e menos pela obviedade da ocupação de um espaço geográfico.

Constatando que essa coleção de fatores era parte de uma nova realidade, Byram (2008) advoga que o ensino de línguas lance mão das possibilidades de interações entre grupos sociais e culturas para pautar e refletir sobre a(s) diversidade(s). Como efeito desse processo, teríamos o respeito à diferença, a compreensão das relações de poder imbricadas nos usos das línguas e, por fim, a aprendizagem intercultural. Em outras palavras, o que Byram (2008) defende é que a sala de aula se revista de compromissos políticos inadiáveis, e que o ensino de línguas transite na direção de uma educação para a cidadania intercultural.

2.2. O EIXO SINCRÔNICO DE LUGAR

O elenco de fatores da seção anterior explica, ainda que parcialmente, as escolhas feitas para a escrita de alguns dos mais importantes documentos de referência didático-pedagógica no Brasil. A permeabilidade das fronteiras, a massificação de aparelhos como os celulares, o advento da internet e as experiências interculturais no mundo real ou virtual alçam as línguas estrangeiras a uma posição de destaque ao menos ao nível do texto documental. Primeiro, vejamos que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB - (BRASIL, 1996) recomendam a inclusão da língua inglesa em caráter obrigatório e de outras em caráter optativo. Isso por si só já pode ser considerando um avanço em relação a documentos anteriores que facultavam as ofertas de LE às instituições, caso elas tivessem condições para tanto.

O relevo dado pela LDB às LEs repercute na publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - (BRASIL, 1998) em que também fica claro que as línguas estrangeiras são vistas como meios através dos quais os estudantes podem ter acesso a novos modos de ser, agir e pensar. O que se depreende desses textos é que a importância da língua estrangeira no currículo está para além da mera produção de frases. Ela está no acesso à informação, na

autonomia para construir relações e na possível formação de um profissional-cidadão. Além disso, é possível também assumir a relação indissociável entre língua e cultura presente na redação dos PCNs.

Se nesses documentos publicados na segunda metade dos anos de 1990, já se percebia uma confluência de preceitos na mesma direção do que dizia o Grupo de Nova Londres, esse alinhamento fica ainda mais evidente a partir de 2006, quando da publicação das Orientações Curriculares Nacionais – OCNs – (BRASIL, 2006). Ademais, as OCNs também antecipam o papel das LEs para uma educação cidadã. Vejamos o trecho que segue:

As orientações curriculares para Línguas Estrangeiras tem como objetivo: retomar a reflexão sobre a função educacional do ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio e ressaltar a importância dessas; reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de Línguas Estrangeiras; discutir o problema da exclusão no ensino em face de valores ‘globalizantes’ e o sentimento de inclusão frequentemente aliado ao conhecimento de Línguas Estrangeiras[...] (BRASIL, 2006, p. 87).

É bom enfatizar que os documentos citados até aqui demarcam um território e apontam compromisso para o ensino de LEs de forma de geral, sem uma predileção escrita pela língua inglesa. No entanto, essa predileção, como se sabe, existe e se verifica há muito na prática. Não nos cabe aqui o aprofundamento sobre os motivos pelos quais a língua inglesa é tão presente nos currículos. Todavia, podemos ao menos supor que entre os motivos poderia estar a maior oferta de cursos de formação de professores de inglês, seja em licenciatura una ou dupla; a abundância de produtos culturais provenientes nos Estados Unidos em nosso cotidiano; ou mesmo o exercício de influência deste país sobre as outras nações.

Somente há poucos anos, a língua inglesa passou a figurar de forma mais cristalina nas recomendações documentais, por obra da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2018). Se por uma parte, a BNCC ratifica postulações anteriores, como a função social e política da sala de aula de línguas, por outro confere à língua inglesa o status de língua franca, um esforço que, ao mesmo tempo, tenta desvinculá-la de um país ou outro e que reconhece que número de falantes não-nativos já é bem maior do que o de nativos. Dito de outra forma,

Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos (BRASIL, 2018, p. 241).

O texto da BNCC se apresenta como um refinamento de seus antecessores e, claro, está sujeito a defesas empenhadas e críticas desapegadas, e assim como seus antecessores no rastro do tempo e neste lugar, apresenta possibilidades e desafios.

3. POSSIBILIDADES E DESAFIOS

3.1. POSSIBILIDADES

- Possibilidade de contatos com diversidades e culturas: o estabelecimento como língua franca incrementa o aspecto intercultural da língua inglesa;
- Visibilidade a minorias e grupos marginalizados: na medida que as experiências interculturais são valorizadas e que não há privilégio para nenhuma variante específica da língua inglesa, abre-se um espaço para a visibilidade que diferentes grupos sociais fazem dessa língua. A partir daí, suas pautas e lutas também poderiam ser vistos e problematizados;
- Desnecessidade de perseguir um “padrão nativo”: pela soma das possibilidades anteriores, chega-se à desnecessidade de repetição de padrões nativos, já que o exercício da sala de aula de língua inglesa seria pela inclusão de diferentes falares.

3.2. DESAFIOS

- Ver, na prática, a materialização da importância dada pelos documentos às línguas estrangeiras;

Investir num processo de ensino e aprendizagem que dê espaço para o exercício e o desenvolvimento de competências como criatividade, trabalho em equipe e compreensão das diversidades, papéis políticos inerentes à função da educação na contemporaneidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa exposição, buscou-se traçar um paralelo entre uma série de fenômenos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos ocorridos nas últimas décadas com os interesses de pesquisadores e governos de oferecer respostas a demandas da contemporaneidade através do ensino de línguas. Tanto no contexto brasileiro como no internacional, o que se pôde ver é que houve avanços do ponto de vista teórico e legal. Esses avanços, evidentemente, abrem inúmeras possibilidades para aqueles que podem explorar encontros interculturais (presenciais ou virtuais) e usufruir do engajamento dos estudantes para discutir um número de temas que

orbitam os usos da língua inglesa. Todavia, entre o texto documental e a prática ainda existe uma distância a ser percorrida. Por isso, é plausível acreditar que o principal desafio a ser superado por gestores públicos, pesquisadores, professores e demais atores envolvidos no processo educativo é o de criar condições para que a prática seja mais parecida com a teoria.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 1998.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BYRAM, M. **From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship**. Clevedon: Multilingual Matters, 2008.

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies literacy learning and the design of social futures**. Londres: Routledge, 2000.

DELANTY, G. **Community**. Londres: Routledge, 2003.

LIMA, Bruno F. de. O Ensino de Línguas e a Internet: contexto e conceitos. In: CONTIERO, Lucineia; LIMA, Bruno F. de; GALDINO, F. C. (Orgs.). **Formação docente inicial e ensino de Língua Inglesa em tempos de pandemia**. Rio de Janeiro: Editora e-Publicar, 2020.

Submetido em: 05/10/2022

Aceito em: 02/12/2022

Publicado em: 30/12/2022

Avaliado pelo sistema *double blind* review